

Envelhecimento e linguagem: algumas reflexões sobre aspectos cognitivos na velhice

*Lilian Juana Levenbach de Gamburgo
Maria Inês Bacellar Monteiro*

RESUMO: Neste artigo, refletimos especificamente sobre a repercussão do envelhecimento nas capacidades cognitivas. A entrevista realizada com uma idosa deixou transparecer dificuldades na atenção e na memória que poderiam ser identificadas como um início de declínio cognitivo. Todavia, sua história reforça a idéia de que este depende mais da possibilidade de convívio social e das oportunidades que o idoso teve durante sua vida, do que de um processo puramente biológico de perdas progressivas.

Palavras-chave: envelhecimento; história de vida; declínio cognitivo.

ABSTRACT: *This article reflects specifically on the repercussion of aging over cognitive capacities. An interview carried out with an aged woman shows some difficulties in attention and memory that could be identified as the beginning of cognitive decline. However, her life history strengthens the idea that cognition is more related to the possibilities of social contact and the opportunities that the elderly had during their life, rather than to a purely biological process of gradual losses.*

Keywords: *aging; life history; cognitive decline.*

...um sujeito como tal não pode ser percebido nem estudado como coisa, uma vez que sendo sujeito não pode, se continua sendo-o, permanecer sem voz; portanto seu conhecimento só pode ter caráter dialógico.

Bakhtin(1985)

Introdução

O envelhecimento, como fenômeno múltiplice e multidisciplinar, desperta atenção e motiva pesquisas em todas as áreas relacionadas à saúde e às ciências sociais. Não poderia ser de outro modo, visto que, no mundo inteiro, o homem continua a alargar os limites de sua vida para além de fronteiras que, há pouco tempo, eram inimagináveis. Hoje se sabe que é possível superar os 90, 100 anos de vida, como ocorre nos países desenvolvidos, entre eles Alemanha, Itália, França e Japão. Segundo a Organização Mundial da Saúde,

Em todos os países, especialmente nos desenvolvidos, a população mais velha está envelhecendo também. Atualmente, o número de pessoas com mais de 80 anos chega a 69 milhões, e a maioria vive em regiões mais desenvolvidas. Apesar dos indivíduos com mais de 80 anos representarem aproximadamente um por cento da população mundial e três por cento da população em regiões desenvolvidas, esta faixa etária é o segmento da população que cresce mais rapidamente. (OMS, 2005, p. 10)

Em relação ao Brasil, dados provenientes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE mostraram que, em 2003, a população idosa alcançou aproximadamente 17 milhões de pessoas, representando quase 10 % da população total. Os estudos populacionais prevêem, para o futuro próximo, um aumento sustentado dessa parcela da população (Parahyba, 2005).

A fim de conhecer a linguagem de sujeitos em processo de envelhecimento que conservam suas capacidades comunicativas preservadas, realizamos uma pesquisa com seis idosos, tomando como ponto de partida que cada um é único e singular. Neste artigo, refletimos

especificamente sobre a repercussão do envelhecimento no processo cognitivo. Os dados fazem parte da dissertação de mestrado intitulada *Envelhecimento e linguagem. Um estudo da linguagem como prática dialógica e social em idosos*, defendida por Lilian Juana L. de Gamburgo no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba (SP).

Justificativa

Nosso interesse foi direcionado à capacidade comunicativa de homens e mulheres que envelhecem sem apresentar alterações decorrentes de doenças neurológicas específicas ou demências senis. Diferentemente de países como os Estados Unidos e a Alemanha, nos quais as habilidades cognitivas no envelhecimento saudável são amplamente estudadas, existem no Brasil poucos estudos nessa área, sendo eles geralmente dirigidos à identificação do tipo e grau de perdas que ocorrem nesse processo.

No âmbito da Fonoaudiologia, a situação não é muito diferente, pois pouca atenção foi dada à linguagem na velhice. As escassas investigações existentes enfocam, na maioria das vezes, problemas de memória, aplicando testes de desempenho cognitivo, sendo os resultados comparados com as habilidades lingüísticas de adultos jovens ou com a linguagem de pessoas acometidas por demências senis, ou por lesões neurológicas, o que não reflete as reais habilidades comunicativas dos idosos.

As conclusões apontam a existência de algum grau de perda nos aspectos cognitivos, entre eles a linguagem, e afirmam que quanto mais velho for o sujeito, maior será a deterioração. Esses estudos estão influenciados pela pressuposição da existência de um “problema” em algum grau, que deve ser mensurado e diagnosticado, assegurando, desse modo, a “cientificidade” dos resultados, e conseqüentemente, a possibilidade de se fazer generalizações.

Método

Dentre as entrevistas individuais realizadas com seis idosos (quatro residindo em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos – ILPI – e dois nos seus domicílios), selecionamos para nossa reflexão trechos do discurso de uma das idosas que participaram do estudo sobre a linguagem e o envelhecimento. Partindo do pressuposto de que cada sujeito é um “ser da linguagem”, com a ajuda das narrativas de história de vida, exploramos caminhos que nos permitissem adquirir conhecimentos sobre o nosso objeto de estudo, isto é a linguagem no envelhecimento. Procuramos, ao mesmo tempo, apreender o modo como cada sujeito significava sua vida, como via a si mesmo, sua inserção na família, no trabalho e nas esferas sociais, e como avaliava a própria linguagem e as oportunidades de diálogo.

Queiroz (1991) refere que a entrevista é a forma mais antiga e mais difundida de coleta de dados orais nas ciências sociais, e “supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisado [...] O pesquisador dirige, pois, a entrevista; esta pode seguir um roteiro, previamente estabelecido, ou operar aparentemente sem roteiro” (p. 6).

Decidimos utilizar a narrativa da história de vida por ser um recurso metodológico fecundo, que revela a substância dos dados e “permite talvez melhor que qualquer outro não apenas lidar com as dimensões subjetivas do vivido, como também com as teias de significações que unem as vidas dos sujeitos” (Bernardo, 1993, p. 24, citado por Brandão, 2002, p. 190).

A orientação teórica adotada foi baseada nos conceitos de Mikhail Bakhtin, devido a sua concepção de linguagem como dialógica e discursiva, histórica e social, outorgando papel central à dimensão semiótica na constituição do sujeito.

Para Bakhtin, a palavra “é o modo mais puro e sensível de relação social [...] Nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte da unidade da consciência verbalmente constituída” (Bakhtin, 2002, p. 38, citado por Smolka, 2000, p. 189).

Smolka (ibid.) fala do papel da linguagem como constitutiva da memória e o discurso como locus da memória:

Estudos sobre memória têm nos mostrado que o discurso constitui lembranças e esquecimentos, que ele organiza e mesmo institui recordações, que ele se torna um locus da recordação partilhada [...] Assim, a linguagem não é apenas instrumental na (re)construção das lembranças; ela é constitutiva da memória, em suas possibilidades e seus limites, em seus múltiplos sentidos, e é fundamental na construção da história. (pp. 187-188)

Capacidades cognitivas

Sabemos que o processo de envelhecimento acarreta alterações físicas, psíquicas e sociais, e o declínio biológico natural atinge as pessoas de modo extremamente diverso. Ao centrarmos o nosso olhar em idosos com as *capacidades comunicativas preservadas*, somos levados a refletir brevemente sobre as *capacidades cognitivas* em geral. As informações existentes na literatura apontam prioritariamente os problemas relativos à memória.

É amplamente aceito que há grandes diferenças individuais nas capacidades cognitivas, que derivam de diversos fatores, tais como saúde, alimentação, ambiente social, atividade intelectual, motivação, exigências do estilo e do contexto de vida (Lasca, 2003). Esquecer datas ou nomes de pessoas e lugares, ou não se sair bem em testes de estado mental e memória não são situações que possam – *a priori* – ser atribuídas a comprometimentos cognitivos. Para Guimarães dos Santos (2002),

[...] o declínio cognitivo que acompanha o envelhecimento é [...] considerado um evento normal, por oposição àquelas perdas decorrentes de processos essencialmente patológicos [...] e que somente acometem uma parcela, ainda que significativa, da população. (p. 30)

Além disso, há vários fatores não cognitivos que atuam isoladamente ou combinados entre si e que têm influências deletérias nas fun-

ções mentais superiores, entre eles a percepção de baixa auto-eficácia, baixa auto-estima, fadiga, dependência, perdas de parentes e amigos, e, especialmente, a depressão, muito freqüente na velhice. A depressão se apossa do indivíduo como um todo, afetando, entre outras coisas, o sono, a disposição e também as capacidades cognitivas (memória, atenção, capacidade de raciocínio, etc.), atingindo de modo negativo a qualidade de vida (Lasca, 2003). Essa autora, citando Vieira Koenig, afirma também que “As habilidades cognitivas são influenciadas por características pessoais, como idade, nível de escolaridade, interesses, saúde, atividades que o indivíduo desenvolve, quantidade de estímulos a que é exposto, além de aspectos psicoemocionais e socioculturais” (p. 3).

Segundo Guimarães dos Santos (2005) e Gaspareto Sé, Queiróz e Yassuda (2003), pode ocorrer em idosos um *declínio cognitivo leve*, que se caracteriza por um déficit nas capacidades cognitivas, notadamente na memória e na atenção. Não foi ainda claramente estabelecido se é ou não um aspecto patológico do processo de envelhecimento.

A queixa pode começar a aparecer em pessoas a partir dos 50 anos, refere-se a esquecimentos que dificultam as atividades habituais, mas não chegam a representar uma restrição grave às atividades. Para Gaspareto Sé, Queiroz e Yassuda, “Não é fácil identificar as alterações associadas ao avanço da idade e o que é próprio de um processo demencial em fase inicial, principalmente quando o paciente tem alto nível de escolaridade” (2004, p. 9). E Guimarães dos Santos (2005) diz que “Quando se trata de cognição humana, e, sobretudo, de funções como a memória, as diferenças inter-individuais podem ser muito maiores do que as semelhanças” (pp. 50-51).

Essas reflexões nos levam a questionar se é possível, de fato, conhecer o limite entre as capacidades cognitivas preservadas e o declínio delas no idoso. Para tentar responder, temos que levar em consideração que as alterações no funcionamento “normal” dos processos cognitivos “se dão invariavelmente, em um sujeito específico e determinado [...] e que, por isso mesmo, não podem ser pensadas de forma abstrata, ou seja, independentemente das características intrínsecas desse mesmo sujeito” (ibid., 2002, p. 54).

A ILPI onde foi realizada a entrevista

As ILPI são estabelecimentos destinados ao atendimento integral dos idosos que não tenham condições de permanecer com a família ou no seu domicílio. Solidão, abandono, carência ou desintegração da família, falta de uma rede social de suporte, problemas de saúde, dependência, diminuição do poder aquisitivo que impossibilita manter a moradia ou ter acesso a uma alimentação adequada: essas são algumas das causas que motivam a internação do idoso numa instituição.

Existem ILPI de todos os tipos: algumas têm instalações adequadas e equipe com boa formação em cuidados gerontológicos, atendimento satisfatório e valorização da individualidade e das condições biopsicossociais que caracterizam o processo de envelhecimento. Já outras constituem verdadeiros depósitos de velhos, antecâmaras da morte.

A ILPI onde residiam quatro dos sujeitos cujos depoimentos colhemos para a pesquisa pode ser considerada uma instituição *sui generis*, pois nela co-existem duas realidades totalmente diversas. Trata-se de uma entidade de caráter filantrópico localizada numa cidade de porte médio no interior do estado de São Paulo. Em 2004 (ano em que as entrevistas foram realizadas), residiam nela aproximadamente 350 idosos, sendo 150 total ou parcialmente carentes de recursos. Recebiam atenção de assistência social, tratamento médico, odontológico, psicológico, fonoaudiológico e fisioterápico, graças a convênios assinados com universidades localizadas na cidade e ao trabalho voluntário de profissionais e estagiários.

A população era muito heterogênea. Existiam 116 chalés particulares e sete pavilhões com quartos coletivos. Das pessoas que residiam nos chalés, muitas tinham carro próprio, bom estado de saúde geral e grande autonomia. Quatro pavilhões eram para mulheres e três para homens, e o total aproximado de residentes neles era de 200 pessoas. Ali residiam aposentados, indigentes, pessoas parcial ou totalmente dependentes e em variadas condições de saúde física e mental.

Os enunciados de Dora

Nas experiências concretas de vida, estabelecemos relações, incorporando as significações culturais e ideológicas do meio social. As relações sociais estão presentes em todos os momentos e de muitas formas.

A linguagem, que é social, materializa-se de forma singular nos diálogos, pois ela está sendo (re)criada nessa interação, nesse contexto, por sujeitos únicos. Participamos do diálogo manifestando opiniões, crenças, sentimentos e nos nossos enunciados ressoam outras vozes sociais, que são por nós assimiladas e reestruturadas de forma criativa. Conforme é destacado por Bakhtin (2003):

[...] a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de assimilação – mais ou menos criador – das palavras do outro [...]. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, re-elaboramos, e re-acentuamos. (pp. 294-295)

Entre os sujeitos da nossa pesquisa, havia diferenças significativas nos aspectos social, educacional, econômico e vivencial. Focaremos a seguir as características de Dora (nome fictício), escolhida por nós para o presente debate.

Em junho de 2004, Dora estava próxima dos 78 anos. Disse não ter tido infância nem brinquedos. Pelo teor do seu discurso, foi possível compreender que teve uma infância e uma vida muito sofridas. Contudo, suas palavras denotaram a nostalgia que esses tempos deixaram e o significado da família como lugar de afetos.

Não foi à escola, só teve algumas aulas noturnas. Trabalhou sempre como empregada doméstica. Morava em um dos pavilhões para pessoas carentes de recursos. Sem dúvida, o contexto e o lugar social que o sujeito ocupa deixam marcas na construção de sua história e sua identidade, e influem na possibilidade ou impossibilidade de realizar mudanças.

Dora era solteira e tinha um filho. A relação com o filho não pôde ser caracterizada com clareza. Através da ficha que a instituição mantinha de cada residente, foi possível saber que o filho a abandonara na instituição após ficar com os poucos pertences dela. A assistente social da ILPI referiu que o filho a visitava uma vez por ano, contradizendo o discurso de Dora, que afirmou diversas vezes receber muitas visitas do filho, que a queria bem e era muito bom. Quando perguntada sobre suas atividades dentro da instituição, disse não fazer nada, não gostar de nada, nem de música, nem de televisão. Nas suas palavras: “Nada. Eu não gosto de nada. Eu gosto de ficar lá um pouco, conversar com uma, conversar com outra.... trocar idéias...”.

O diálogo ocorreu com dificuldade, sendo necessárias muitas perguntas para dar continuidade à interlocução. Os relatos permitiram perceber grandes dificuldades na atenção e na memória. Em vários trechos dos diálogos, Dora demonstrou ter problemas para recordar fatos importantes de sua vida. Os esquecimentos e as repetições sugerem algum grau de declínio cognitivo, embora a sua capacidade comunicativa estivesse preservada.¹

Lílian – Me diga... e... que idade a senhora tem?

Dora – Oia eu... na minha idade certo eu to beirando os oitenta, hoje eu to já nos oitenta.

Lílian – A senhora não lembra exatamente...

Dora – Eu não lembro mai, eu sou parece que de vinte e cinco...

Lílian – Então falta pouquinho para a senhora fazer oitenta anos, né?

Dora – É.... eu to no caminho, né.

.....

Dora – Sabe na rua ((nome da rua))? Ali tinha uma escola, tinha um homem que dava aula de noite...

¹ Os símbolos utilizados nas transcrições são os seguintes: ... (reticência), para hesitação e interrupções no discurso; (()) (duplo parêntese), para comentários da pesquisadora, exemplo: ((risos)); (e.i.), para enunciado ininteligível; (...) (reticência entre parêntese), para trechos de enunciados excluídos; Linha de pontos contínua, para evidenciar enunciados excluídos; Palavra entre parêntese (exemplo), para palavras em dúvida; Lílian, para designar a pesquisadora; Dora, nome próprio fictício para o sujeito.

Lílian – Aqui em ((nome da cidade))?

Dora – Em ((nome da cidade)), ele dava aula de noite pras pessoa... e eu lá...eu queria aprender ler, né? Tinha interesse... interesse em aprender ler e escreve, eu fui lá.

Lílian – Que idade a senhora tinha nessa época mais ou menos?

Dora – Ah eu nessa época era mocinha, né? Eu trabalhava de empregada... doméstica.... e... de noite eu saía do trabalha e ia lá.

Lílian – Ahã.

Dora – E esse senhor, ele era um moço, ele dava aula, tinha bastante gente.

Lílian – E quanto tempo a senhora passou indo lá, fazer aula...

Dora – Ah, foi pouco tempo...

Lílian – Pouco... Menos de um ano...

Dora – Ah sim, muito menos, mas eu aprendi bem, que o professor era bom, né? Eu aprendi bem, eu tinha interesse também em aprender, né? Apesar de... que foi pouco... mas o pouco que aprendi me serviu, né?

Lílian – A senhora não lembra que idade tinha naquela época?

Dora – Que eu tinha?

Lílian – Sim. Mais ou menos?

Dora – ... naquela época eu tinha 16, 17....

Lílian – Ah. Era mocinha...

Dora – Era mocim... trabalhava de empregada... doméstica e eu saía do trabalho e ia aprendê lá.

A memória participa do sentido da identidade. Através das narrativas pessoais buscam-se os elementos que a constituem. Falar de si para alguém é uma forma de os sujeitos significarem suas identidades (Almeida, 2003). Na sua narrativa

[...] o sujeito desenvolve uma atividade de produção de sentido que ilumina sua existência e esclarece o presente: é uma rememoração que se orienta pela necessidade de dar sentido ao que se é [...] ordenando e ressignificando experiências e desvelando desejos e projetos, frustrações e realizações, troços pessoais e momentos de afirmação de si, bem como encontros com o outro e as peculiaridades de uma vivência social (p. 185).

A identidade “é produzida e reproduzida, principalmente na relação com o outro [...] na relação de alteridade” (Mercadante, 1998, p. 63). O processo de reconstrução assinala a dinamicidade da identidade, que está intimamente relacionada ao contexto sócio-histórico e ao grupo de origem, já que estamos inseridos na história e na cultura. Tudo que sabemos e lembramos é atravessado pela cultura (Brandão, 2002).

No momento em que o idoso usa sua voz para contar sua história, ele é sujeito em processo de constituição e objeto da própria reflexão. Recordar é reconstruir, refletir, ressignificar (ibid.). A lembrança é evocada junto com sua significação, que se desdobra em duas: a do passado que é lembrado – que pertence só ao sujeito – e a do momento presente, no qual o sujeito, ao falar do que lembra, constrói conjuntamente com o seu interlocutor novos sentidos. A memória, sendo individual e social, é contada desde o lugar histórico, social e emocional que o sujeito ocupa, pois está tingida das emoções que acompanharam os fatos que as geraram.

O próximo dado refere-se ao modo como Dora chegou à instituição. Neste trecho ela se estendeu um pouco mais, mas mesmo assim há dúvidas e hesitações relativas ao tempo e às circunstâncias dos acontecimentos. Na voz de Dora ecoam outras vozes, carregadas de preconceitos, muito frequentes no contexto social.

Lílian – Como é que a senhora veio parar no lar? Quem trouxe a senhora aqui?

Dora – Bom pra fala verdade eu não sei como é que eu vim. Viu? Eu sei que eu acho que eu fui especulando, fui andando, fui especulando, fui... aí fiquei... daqui eu ia embora, mas fiquei... gostei... fiquei... me dei bem cas pessoas daqui, cas... com tudo me dei bem...

Lílian – Mas já conhecia alguém aqui dentro?

Dora – Não ((tosse)). Não senhora não conhecia ninguém.

Lílian – Não conhecia ninguém.

Dora – Não. Eu morava com uma moça...que... (e.i.) aí eu falei assim, eu vou ver como é lá para mim morar lá, né, porque pra ficar aí com os outros, assim né? Eu morava com essa moça...

Lílian – Mas não tava bem...

Dora – Não tava bom....(e.i.) um lugar melhor, que aqui num ta bom. E assim fui pro fui... (disse) por que você não vai morar no lar?

Lílian – Quem que falou pra senhora?

Dora – As vizinha...

Lílian – As vizinhas lá.

Dora – Porque eu fui morar com essa moça, essa moça era... era de cor, mas era boa pra mim, sabe, não tenho queixa dela, ela já faleceu coitada, mas aí... eu falei assim, ela falou, por que você não vai morar no lar, lá no asilo de velho, você é boa, ce vai se dar bem lá, aí eu falei é... (e.i.) nos vai junto (e.i.) ai eu falei ta bom, né? Porque eu sozinha, eu não... aí ela trouxe eu aqui eu nem sei com quem conversei aqui...(e.i.) sei que eu conversei aqui, fiquei... me dei bem, aí vim morá aqui, e aqui eu fiquei até agora ((risos)), aqui tou bem.

Considerações finais

Na nossa pesquisa, consideramos a linguagem como estando vinculada de modo inseparável ao homem singular que faz uso dela para interagir e se comunicar nos diversos contextos de sua vida como ser social. À luz dessa abordagem, achamos possível apontar novos caminhos para conhecer a linguagem no envelhecimento, centrados não só nas habilidades cognitivas, mas também na apreciação dos contextos comunicativos, das condições gerais passadas e presentes de vida e das oportunidades para interagir e dialogar.

Pensando em Dora, percebemos que nenhum dos fatores preditivos da manutenção das capacidades cognitivas estão presentes em sua vida: escolaridade, rede social, satisfação pessoal, interesses, percepção de auto-eficácia, contextos comunicativos estimulantes, etc. A essa ausência total de algum elemento positivo, devemos adicionar as limitações biológicas decorrentes do avanço da idade. Há evidências de dificuldades cognitivas, mas estas também devem ser vistas à luz de sua história e sua vida atual.

Contudo, o discurso de Dora e dos demais sujeitos permitiu perceber que o idoso continua a ser, nessa fase da vida, um ser da linguagem,

assim como podem sê-lo o adulto, o jovem ou a criança. Não importa seu lugar social ou as condições, ou situação de vida, se está sozinho, mora numa instituição de longa permanência ou rodeado da família, se participa de interações freqüentes ou se carece de oportunidades para o uso da comunicação verbal.

Dora referiu-se à ILPI utilizando palavras de elogio, referindo-se a ela como um bom lugar de vida. Porém, dada a falta de outras possibilidades para passar a sua velhice, dir-se-ia que se tratava de um lugar de “sobrevida”. A realidade desse sujeito, por um lado, e a situação do sistema asilar brasileiro, por outro, levam-nos a compreender que a situação de Dora nesse aspecto é a regra no Brasil.

Para mudar essa realidade, além de recursos para desenvolver as políticas públicas necessárias, são imperativas mudanças de ordem cultural. Finalizamos com as palavras de Marcos Rolim, que apresentou o relatório da V Caravana dos Direitos Humanos. Uma Amostra da Realidade dos Abrigos e Asilos de idosos no Brasil (2002):

Entre nós, normalmente, a velhice é vista como o equivalente a um conjunto progressivo de perdas. Ela seria, então, primeiramente, uma lenta e inexorável “subtração de humanidade”. Um olhar mais atento sobre o processo de envelhecimento, todavia, haverá de concluir que este olhar assinala um estereótipo cultural. Envelhecer é, ao largo das naturais mudanças físicas e sensoriais, também um processo de crescimento.

A história de Dora, contada por ela mesma, reforça a idéia de que o declínio cognitivo depende mais da possibilidade de convívio social e das oportunidades que o idoso teve durante sua vida, do que de um processo puramente biológico de perdas progressivas.

Referências

- ALMEIDA, J. A. (2003). *Relatos de vida e identidade. Revista Kairós*, v. 6 (dez.), n. 2, pp. 181-192.
- BAKHTIN, M. M. (2003). *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo, Martins Fontes.
- BRANDÃO, V. M. A. (2002). Oficina de memória – teoria e prática: relato sobre a construção de um projeto. *Kairós*, São Paulo, v. 5, n. 2, pp.181-195.
- BRASIL (2002). *Câmara dos Deputados. Comissão de Direitos Humanos. Relatório V Caravana Nacional de Direitos Humanos. Uma amostra da realidade dos abrigos e asilos de idosos no Brasil. Brasília. Disponível em: http://www.dbnet.org.br/dados/caravanas/br/v_caravana.htm Acesso em: 21 ago. 2006.*
- GASPARETO SÉ, E.; QUEIROZ, N. e YASSUDA, M. S. (2004). O envelhecimento do cérebro e a memória. In: NERI, A. L. e YASSUDA, M. S. (orgs.). *Velhice bem-sucedida. Aspectos afetivos e cognitivos*. Campinas, Papirus.
- GUIMARÃES DOS SANTOS, C. (2002). Desafios da longevidade: agonia ou êxtase? *Kairós*, v. 5, n. 1, pp. 15-72.
- _____(2005). Envelhecimento, memória e psicoterapia. *Kairós*, v.1(jun.), n. 8, pp. 23-108.
- LASCA, V. (2003). *Treinamento de memória no envelhecimento normal: efeitos de um programa aplicado a idosos*. Dissertação de mestrado em Educação. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Gerontologia. Campinas, Universidade Estadual de Campinas.
- MERCADANTE, E. (1998). A identidade e a subjetividade do idoso. *Kairós*, v. 1.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível em http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/envelhecimento_ativo.pdf#search=%22envelhecimento%20ativo%22 Acesso em: 7 fev. 2007.

- PARAHYBA, M. I. (2005). *Diferenciais sociodemográficos entre os idosos no Brasil*. (Seminário sobre Educação Superior e Envelhecimento Populacional no Brasil) Coordenação de População e Indicadores Sociais IBGE. Ministério de Educação. Sesu/Capes. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/envelhecimento/perfilsociodemograficoidososbrasil.pdf> Acesso em: 7 nov. 2006.
- QUEIROZ, M. (1991). *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo, T. A. Queiroz.
- SMOLKA, A. L. B. (2000). Memory at issue: a historical-cultural perspective. *Educação & Sociedade*, ano XXI, n. 71, pp.166-193. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302000000200008&lng=en&nrm=iso Acesso em 4 jan. 2005.

Data de recebimento: 11/3/2007; Data de aceite: 11/4/2007.

Lilian Juana Levenbach de Gamburgo – Fonoaudióloga. Mestre em Educação. Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep. E-mail: gamburgo@mpc.com.br

Maria Inês Bacellar Monteiro – Fonoaudióloga. Doutora em Psicologia (Psicologia Experimental). Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep. E-mail: mbmontei@unimep.br